

Étienne de La Boétie

# Discorso da servidume voluntária

Traducom de Claudio López Garrido

EDICIÓNS  
*laiovento*  
**LAIOVENTO**

**ENSAIO**

## Étienne de La Boétie



Étienne de La Boétie (1530–1563) foi um humanista precoce e pensador radical. Aos dezoito anos escreveu o *Discurso da servidume voluntária*, obra breve e fulgurante que questiona por que os povos obedecem aos tiranos. A sua voz lúcida proclama que a liberdade nom se concede: reconquista-se. Amigo íntimo de Michel Montaigne, que o chamou «metade de si mesmo», La Boétie tornou-se símbolo da resistência intelectual e da dignidade humana. O seu *Discurso* inspirou gerações de pensadores libertários, republicanos e anarquistas, e continua a interpelar a consciência crítica e a vontade de emancipação.

## Prefácio

O mesmo dia em que começava a redigir este prefácio, publicava-se um artigo intitulado igual que esta obra, no qual se reproduzia um parágrafo da mesma para caracterizar o governo de Donald Trump.<sup>1</sup> E é que este livro, um dos melhores discursos que jamais se tenham escrito, é também um texto fundamental do pensamento político que, apesar dos quase cinco séculos decorridos desde a sua redação, parece nom ter perdido o seu vigor original. Ao contrário dos panfletos monarcómacos da sua época, focados nos problemas concretos, o seu distanciamento da realidade imediata, graças à inteligente utilização dos clássicos greco-latinos, permitiu-lhe transcender o seu contexto e oferecer umha perspectiva abstrata e atemporal das questons fundamentais da filosofia política.

Que La Boétie tivesse podido inspirar-se em Plutarco, Dion Crisóstomo, Girolamo Vida ou Maquiavelo, como sugerem alguns analistas, nom resta um ápice de originalidade à sua obra, máxime se temos em conta que foi escrita na sua adolescência. Segundo Montaigne, redigira-a aos 16 anos, isto é, em 1546; mas parece que a sua fonte de inspiração foi a revolta da cidade de Bordéus contra o imposto real das gabelas, em 1548, e a sua brutal repressom, embora nom se opugesse resistência.<sup>2</sup> O mais provável é que a concluísse por volta de 1553, quando remata os seus estudos de Direito na universidade de Orleans e substitui Guillaume de Lur como conselheiro no Parlamento de Bordéus, a quem obsequia com umha cópia do *Discurso da Servidume Voluntária*, onde o cita um par de vezes. Em 1559, Montaigne, que já conhecia o manuscrito, incorpora-se a essa mesma instituição e trava umha profunda amizade

---

1 Bassets, Ll., (22/12/2024), *Servidumbre Voluntaria*, *El País*, pp: 6-7.

2 Visentin, S., «Étienne de La Boétie: el lenguaje de la amistad contra la servidumbre del nombre», *Anacronismo e Irrupción*, Vol. 9, nº 17, p. 50.

com o seu autor, que durará até a morte deste em 1563 e que immortalizará no seu ensaio *De l'amitié*.

La Boétie legou a livreria e os seus escritos a Montaigne, rogando-lhe que nom os publicasse. Apesar disso, sabe-se que este facilitou a cópia do manuscrito da obra a amigos e pessoas de relevância, como Henri de Mesmes, cuja biblioteca era freqüentada por destacados protestantes, como François Hotman, autor da *Francogallia*, obra que proclama o direito do povo a pôr e depor os reis e propugna um governo representativo e umha monarquia eletiva. Hotman e La Boétie foram condiscípulos em Orleans e alunos do célebre humanista Anne du Bourg, que acabou na fogueira por herege.

As guerras de religiom que assolárom a França de 1562 até 1598, nom eram alheias à luta polo poder entre as grandes famílias da nobeza e às aspiraçons da burguesia representada polo calvinismo num contexto de crise económica e social. A difusom do manuscrito polos hugonotes explica a persecuçom de que seria objeto, embora nom abordasse nengumha questom relativa às crenças religiosas.

Importa salientar, para valorizar o *Discurso* de La Boétie na justa medida, que foi escrito numha época de transiçom do poder feudal para a monarquia absoluta, quando a autoridade do rei era inquestionável porque provinha de Deus e nom da vontade dos seus súditos nem de poder terrenal algum. Num mundo concebido e regido por Deus, o tirano era um instrumento da vontade divina.

Em 1571, um ano antes de que tivesse lugar a matança da Noite de San Bartolomeu, Montaigne edita as obras de La Boétie, em cujo preâmbulo explica que prescindira do *Discurso da Servidume Voluntária* e das *Memorias das nossas revoltas sobre o edito de janeiro de 1562* por considerar ambos textos «demasiado delicados e privados para abandoná-los ao grosseiro e pesado ar de umha estaçom tam pouco agradável».<sup>3</sup>

---

3 Colectivo Etcétera, «Introducción. La incierta aventura de un manuscrito» em *El discurso de la servidumbre voluntaria de Étienne de la Boétie*, Virus editorial, p. 25.

Obviamente, Montaigne nom julgou oportuno publicar esses documentos polos receios que podiam despertar no catolicismo triunfante. Mas, seja porque o facilitara el mesmo, seja polas relaçons que o autor mantivera na universidade de Orleans, onde sempre prevaleceu o espírito da discussom livre, o certo é que o manuscrito do *Discurso* circulava nos meios hugonotes. Atribui-se a Hotman a inclusom de alguns fragmentos manipulados do texto, sem citar o autor, no *Reveille matin des François* em 1574. Dous anos mais tarde, a obra aparecerá incluída em *Mémoires de l'Estat de France sous Charles Neufiesme* com o subtítulo de *Le Contr'un*, polo qual seria mais conhecida no futuro.

Em 1580 editam-se os *Ensaio*s de Montaigne, onde o autor justifica a sua renúncia a inserir o *Discurso da Servidume Voluntária* polas más intençons dos que já o publicaram, misturando o texto de La Boétie com outros da sua colheita. Embora qualifique a obra de exercício da infância sobre um assunto vulgar já tratado em muitos livros, afirma que nom duvidava que o autor acreditasse no que escrevera e que, de poder escolher o lugar de nascimento, com razom preferiria a república de Veneza ao seu natal Sarlac. Nada di das *Memorias* do edito de janeiro de 1562, cuja publicação nom deveria supor um problema, já que no documento se recomendava o castigo dos rebeldes protestantes – nom por razom de religiom, mas polos excessos que afetavam o direito comum –, a imposiçom do catolicismo e a correçom dos abusos da Igreja. Segundo Murray Rothbard, esse documento parece refletir mais a dualidade de alguém radical no abstrato e conservador no concreto que a evoluçom do idealista estudante de Direito de Orleans para o comedido servidor público do Parlamento de Bordéus.<sup>4</sup>

---

4 Rothbard, M.N., «A Filosofia Política de Étienne de La Boétie» em *Étienne de La Boétie, O Discurso da Servidão Voluntária*, Instituto Rothbard, São Paulo, 2022, pp, 63-65.

O manuscrito original do *Discurso da Servidume voluntária* nunca foi encontrado. Talvez fosse o que o Parlamento de Bordéus ordenou queimar na praça pública em 1579. A cópia que possuía Guillaume de Lur foi recuperada por Montaigne das mãos dos seus herdeiros, que por cautela lhe arrancaram a página de início, onde figurava umha dedicatória junto ao título e o nome do autor. A desapareçom dessa folha acaso explique a incorporaçom do subtítulo de *Le Contr'un*.

O *Discurso* de La Boétie acabaria extinguindo-se da memória coletiva, mas nom da dos bibliófilos como o cardeal Richelieu, que chegou a pagar umha elevada suma de dinheiro por fazer-se com umha cópia.<sup>5</sup>

Os *Ensaio*s de Montaigne, incluídos pola Inquisiçom no *Index librorum Prohibitorum* da Igreja católica em 1676, nom voltariam a ver a luz até 1724, quando Pierre Coste, um hugo-note genebrino, os reedita, incorporando-lhes *Le Contr'un* como apêndice. Isso facilitará a descoberta do *Discurso* de La Boétie polos revolucionários franceses, que o reproduzirám total ou parcialmente nalguns panfletos. A impressom que causou o texto em Jean-Paul Marat foi tam profunda que a reediçom da sua obra *Les chaînes de l'esclavage*, em 1792, se considera quase um plágio do *Discurso*.<sup>6</sup>

A partir de entom, o interesse pola obra nom deixaria de crescer. Todas as ediçoms reproduziriam a de Pierre Coste até a descoberta do manuscrito de Henri de Mesmes em 1853. O in-fólio continha, ademais da cópia do manuscrito –que é a mais antiga de que se dispom – o borrador da refutaçom que preparava Mesmes, que permitiu dissipar as dúvidas que

---

5 Abensour, M., «Presentación. Las lecciones de la servidumbre y su destino» em *Etienne de La Boétie, El discurso de la servidumbre voluntaria*, Utopía Libertaria, Buenos Aires, 2008, p. 12.

6 Lomba, P., «Presentación», Étienne de La Boétie, *El discurso de la servidumbre voluntaria*, Editorial Trotta, Madrid, 2008, pp.13-21.

existiam sobre a literalidade do texto. A transcriçom de J. F. Payen, converteria-se no texto de referência definitivo.<sup>7</sup>

A questom que La Boétie suscita, Spinoza formula um século mais tarde e Wilhem Reich redescobre no século XX segue a ser o problema fundamental da filosofia política, para Deleuze e Guattari<sup>8</sup> : «O surpreendente nom é que roube o que passa fome ou que faga greve o explorado. O surpreendente é que os famentos nom roubem sempre e que os explorados nom estejam sempre em folga. Por que combatem os homes pola sua servidume como se fosse a sua salvaçom? Por que suportam a exploraçom, a humilhaçom e a escravidude até o ponto de as querer nom só para os demais, mas tamém para eles mesmos?»

Segundo La Boétie, som os próprios povos que consentem ser dominados: «é o povo que se escraviza, que se degola, que, podendo escolher entre ser servo ou ser livre, abandona a sua independência e se prende ao jugo».

Spinoza atribui esse comportamento à superstiçom, ao engano e ao medo, e culpa da alienaçom à religiõ, porque tenta promover a obediencia ao poder político com o qual está associado: «O grande segredo do regime monárquico, e aquilo que acima de todo lhe interessa, é manter os homes enganados e disfarçar, sob o especioso nome de religiom, o medo em que devem ser mantidos para que combatam pola servidume como se fosse pola salvaçom, e pensem que nom é vergonhoso, e sí a maior das honras, dar o sangue e a vida pola vaidade de um só home».

---

7 Payen, J. F., *Notice bio-bibliographique sur La Boétie l'ami de Montaigne, suivie de La Servitude Volontaire, donnée pour la première fois selon le vrai texte de l'auteur, d'après un manuscrit contemporain et authentique*, Typographie de Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institut de France, 1853. A ediçom de 2020 do Projecto Gutenberg foi a utilizada nesta traduçom. <https://www.google.es/https://www.gutenberg.org/cache/epub/62051/pg62051-images.html>

8 Deleuze, G. et Guattari, F., *L'Anti-Oedipe, Capitalisme et schizophrénie*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1972, p. 37.

Reich nom topa explicaçom para essa perversom do desejo gregário que levou as massas a desejarem o fascismo e a abraçarem a causa dos seus verdugos.

Em 1937, Simone Weil relé o *Discurso* de La Boétie tentando compreender as atitudes que observa perante as purgas estalinistas e os processos de Moscovo<sup>9</sup>: «que muitos homes se submetam a um só, por medo de que os mate, é bastante surpreendente: mas como entender que permaneçam submetidos até ao ponto de morrer por ordem sua? Como se mantêm a obediência, quando implica tantos riscos como a rebeliom?» A sua conclusom é que a dominaçom dos mais fortes sobre os débeis, porém maioritários, é possível porque a minoria forma um conjunto coeso, enquanto a maioria nom é mais que umha justaposiçom de indivíduos. Os momentos históricos em que as massas se sublevárom e agirom unidas fôrom efêmeros porque a unanimidade é incompatível com qualquer açom metódica e com o dia-a-dia da vida. A massa dissolve-se e a lembrança da vitória desvanece-se. Restabelece-se a situaçom prévia ou umha parecida, e ainda que nesse intervalo os amos tivessem mudado, os que obedecem seguem a ser os mesmos. As emoçons que se despertaram com o levantamento serám reprimidas por um sentimento de impotência irremediável que os amos alimentarám. Sheldon Wolin<sup>10</sup> definiu, como *democracia fugitiva*, esses momentos disruptivos de genuína participaçom democrática em que o povo recupera o poder político e prioriza os interesses comuns, evidenciando a insatisfaçom popular e ameaçando os planos das corporaçons. Apesar do seu fracasso, os seus efeitos som tam poderosos que perduram na memória dos povos e podem chegar a repetir-se enquanto haja gente que os lembre.

---

9 Weil, S., «Méditation sur l'obéissance et la liberté», em *Oppression et liberté*, Éditions Gallimard, Paris, 1955, pp 219-228.

10 Wolin, S., *Fugitive Democracy and Other Essays*, Princeton University Press, 2017.



Segundo La Boétie, a chama da liberdade mantém-se acesa graças às elites. O problema é que estão desativadas e isoladas, porque o tirano lhes retira toda a liberdade. Porém, o seu triunfo é inexorável.

Pensa que o homem nasce não só em posessem da liberdade, mas também com propensão a defendê-la; por isso, surpreende-lhe a rapidez com que o povo subjugado esquece que um dia foi livre e aceita de tão bom grado o que para os seus antepassados constituía uma imposição, e como a vontade de servir pode enraizar até o ponto de que o amor à liberdade pareça tão pouco natural que «se diria que não perdeu a sua liberdade, mas que ganhou a sua servidume».

Para que os homens se deixem dominar, é preciso, segundo La Boétie, que sejam forçados ou enganados, ou melhor, que se auto-enganem. E isso consegue-se através do *costume* e da *educação*, que atuam como um veneno que pouco a pouco, sem se perceber, leva os homens a assumirem a servidume como algo natural: «nascem servos e são educados como tais». Mas, como isso não é suficiente para os manter adormecidos sob o jugo, é preciso recorrer à corrupção e à alienação. A Lúcia sob Cícero e o *panem et circenses* do império romano, tal como refere Juvenal,<sup>11</sup> são dois exemplos do embrutecimento que alcançou a plebe.

Por último, mas não menos importante, está o que para La Boétie é o motor da dominação. Trata-se do séquito que, unido por uma cadeia de interesses, se organiza hierarquicamente em torno do tirano e o apoia para participar do espólio. O autor considera-os a escória do reino, que possuídos pela ambição atuam como os ladrões e os piratas. Mas não são uns fora-da-lei; são os que farão a lei e a aplicarão,

---

11 «Desde que não temos a quem conceder o nosso voto, o povo perdeu o seu interesse pela política, e se antes era o povo a decidir a quem dar o poder, os feixes dos lictores, as legiões, enfim, tudo; agora se deixa comandar e deseja ansiosamente duas coisas: pão e jogos de circo». Juvenal, *Sátiras*, X, 77-81.

ocuparam os cargos públicos e constituiram a Corte. A concessão de benefícios e favores ampliará o suporte da tirania até conseguir que haja afinal «quase tanta gente para quem a tirania parece ser proveitosa como para a qual a liberdade seria grata». Para Tolstoi, esta interpretação da conformação da tirania é um dos grandes contributos de La Boétie.<sup>12</sup> Albert Memmi tomará emprestada a ideia da pirâmide dos tiraninhos para descrever a sociedade colonial em que o oprimido aspira a integrar-se.<sup>13</sup>

O equilíbrio entre partidários da tirania e da liberdade propicia a estabilidade e impede a mudança. A situação manterá-se até que o regime seja tam radicalmente incompatível com as aspirações e os novos valores da sociedade que perda os seus apoios, como aconteceu nalguns países do Leste europeu com a queda do muro de Berlim. Estes som dos poucos casos em que se cumpriu o prognóstico de La Boétie de que as tiranias se desmoronariam só com a desobediência civil. Mas como a dominação é o resultado de umha desigual correlação de forças, o próprio autor tem de reconhecer, citando o exemplo de Atenas sob os trinta tiranos, que quando nom se é o mais forte, hai que aguentar-se e esperar que o futuro depare melhor fortuna.

Derrocar o tirano nom significa acabar com a tirania e, portanto, a nova revolução terá que ir dirigida contra a instituição do Estado absoluto, di Gustav Landauer na sua monografia *A Revolução*, de 1907, onde inclui um resumo do *Discurso* de La Boétie.<sup>14</sup> No seu entender, «a tirania nom

---

12 Tolstoi, L., *The Law of Love and the Law of Violence*. Universal Library, Rudolph Field Publisher, New York, 1948, pp. 42-45.

13 Memmi, A., *Retrato do colonizado*, Edicións Laiovento, 2016, pp. 18 e 40.

14 A edição de Pierre Coste do *Discurso* de La Boétie foi traduzida ao alemão em 1754, mas passou desapercebida. Landauer utilizaria a versão de Lammenais de 1835. Landauer, G., *Revolution and Other Writings: A Political Reader*, PM Press, Oakland, 2010, pp. 155-159.

é um lume que se tenha que apagar, que se poda apagar, porque nom é um mal exterior, mas umha carência interior». A internalizaçom da servidume polo dominado é o que permite legitimar a relaçom de dominaçom.

La Boétie foi o primeiro em observar que nengum governo, mesmo o mais opressivo, pode manter-se unicamente mediante a violência. Necesita a aquiescência do dominado, porque nengum regime pode subsistir sem aceitaçom. A maioria social, seja qual for a razom, está conforme com a própria submissom e, de facto, o governo nem sequer precisa ter sido eleito para contar com o consentimento popular.

David Hume chegará a umha conclusom semelhante dous séculos mais tarde: «Nada parece mais surpreendente a quem contempla os assuntos humanos com olhar filosófico do que a facilidade com que os muitos som governados polos poucos, e a implícita submissom com que os homes subordinam os seus próprios sentimentos e paixons aos dos seus governantes. Quando indagamos através de que meios se consegue este prodígio, descobrimos que, como a força está sempre do lado dos governados, os governantes se apoiam unicamente na opiniom. O governo assenta, portanto, só na opiniom; e esta máxima atinge tanto os governos mais despóticos e militares como os mais livres e populares».<sup>15</sup>

La Boétie é reivindicado polos libertários e considera-se tamém precursor do *jusnaturalismo* moderno, de Grócio, Locke e Rousseau. Embora nom desenvolveu umha teoria política ou jurídica, antecipou ideias como a liberdade e igualdade originais dos seres humanos e o consentimento como fundamento da legitimidade da autoridade política. Ao propugnar a retirada do consentimento dos governados como a forma de derrubar a tirania, converteu-se no primeiro teórico da estratégia popular da desobediência civil nom vio-

---

15 Hume, D., *Essays Moral, Political, Literary*, Online Library of Liberty, Liberty Fund ed., 2011, p. 38.

lenta. Cumpre lembrar que um contemporâneo seu, o P. Juan de Mariana, e muito antes Tomas de Aquino, contemplavam a solução do tiranicídio; mas, para La Boétie, o tirano, pela natureza do seu governo, cairá pelo seu próprio peso. Esta postura tornará-o um dos referentes de Tolstoi, cuja influência foi decisiva na adoção da ação direta não violenta por Gandhi.

O autor não conceitua como tirania qualquer tipo de governo, como pensam os que vem no seu *Discurso* um texto anarquista,<sup>16</sup> e considera razoável a obediência quando o exercício do poder não é despótico. E se os habitantes de um país encontram alguém que mereça a sua confiança por ter dado provas de grande providência no governo, não seria sábio prescindir dele.

Tampouco entra a comparar a monarquia com as outras formas de república porque é difícil acreditar «que haja algo público nesse governo onde tudo é de um», não distingue entre as tiranias em função da sua origem, seja esta a eleição popular, a força das armas ou a sucessão hereditária, porque desde que decidem não abandonar o poder, todas se comportam da mesma maneira.

Para La Boétie, a servidão não constitui a forma originária da sociedade. A natureza criou-nos a todos no mesmo molde para que nos reconheçêssemos como irmãos e os mais fortes não dominassem os mais débeis; e se prodigou alguma vantagem foi para propiciar o afeto fraterno, tendo uns o poder de prestar ajuda, e os outros a necessidade de recebê-la, pois «não queria tanto fazer-nos todos unidos como todos uns».<sup>17</sup> Esta escura passagem evidencia, para Pierre Leroux,<sup>18</sup> a contraditória mistura das linguagens evan-

---

16 Rothbard, M.N., *op. cit.*, pp. 36-40.

17 Trasunto da oração de Cristo no horto de Getsemani: «Para que sejam um, como nós somos um». Joam, 17: 21-23.

18 Pierre Leroux: «El “Contra Uno” de Étienne de La Boétie», em *El discurso de*

gética e republicana que converte o *Discurso* num sofisma e numha *declamação* sem nengum valor político. Se o mal está na dominação do home polo home, isto é, em ter um amo, a questom a resolver é como nom ter amo. Em consequência, La Boétie deveria ter dado as pautas para que os homes pudessem conviver sem serem uns amos dos outros, e assí desarraigar o despotismo. Na sua opiniom, Montaigne já mostrara o seu ceticismo a respeito da obra, apesar da «beleza quase divina» do texto».

Nom é fácil compreender a lógica da submissom, quer dizer, os mecanismos psicológicos e sociais que conduzem à aceitação da servidume voluntária e a sua perpetuação. Renunciar à liberdade, à capacidade de decidir, à autodeterminação é como desistir de pensar, abdicar da condição humana, cousificar-se. A que se deve essa atitude?

No fundo, sempre está o medo: o medo do castigo, da soledade, da perda de segurança, da liberdade. De facto, umha das armas mais eficazes da tirania è o *horror vacui*: «*O nosotros o el caos*», advertia Primo de Rivera. Segundo Polanyi, o fascismo só emergiu como alternativa, quando o confronto entre os capitalistas, que dominavam a economia, e a esquerda, maioritária no parlamento, pujo em perigo a indústria, da qual dependia a subsistência de todos, e levou a um impasse institucional que ameaçava com a paralisia total do sistema. O medo dominaria o povo, que confiaria a liderança a quem oferecia umha saída fácil, nom importava a que preço.<sup>19</sup>

Perante o medo, os seres humanos desenvolvem estratégias de supervivência psicológica, como a *síndrome de Estocolmo* e o *desamparo aprendido*, noções que, por analo-

---

*la servidumbre voluntaria seguido de lecturas del texto de La Boétie*, ediciones Terramar, Buenos Aires, 2008.

19 Polanyi, K., *A Grande Transformação*, Edicións Laiovento, 2022, p. 475.

gia, se tenham aplicado no âmbito sociopolítico para tentar explicar certas condutas. No primeiro caso, os oprimidos sofrem umha espécie de cativo emocional que os converte em reféns de umha formação política que goza da sua lealdade incondicional, apesar de todas as canalhadas que comete com eles. As vítimas miram o mundo através dos olhos do vitimário, e nessa obscura relação paradoxal acabam identificando-se com o seu opressor, a quem defendem mesmo se as evidências demostram que estão equivocados.

O segundo, o *desamparo aprendido*, é o estado psicológico em que, caem as pessoas expostas de forma continuada e incontrolável a umha situação adversa ou de castigo. Os experimentos de Martin Seligman<sup>20</sup> com cans submetidos a descargas eléctricas mostram como, perante a impossibilidade de evitar o sofrimento que se lhes inflige, os animais adotam umha atitude absolutamente passiva que nom abandonam, mesmo se surge umha saída à sua situação. Estas pesquisas seriam aplicadas polos psicólogos militares no estudo do comportamento das tropas em entornos estressantes.

Ainda que a experiência opressiva influi na capacidade para afrontar a adversidade e predispom a aceitar a submissão, o *desamparo aprendido* é reversível. Só hai que desaprender o aprendido. E a *Síndrome de Estocolmo* pode-se superar rompendo o ciclo de dependência e reconstruindo a autoestima da vítima. Neste sentido, di Weil que todo o que contribua para que os que ocupam os estratos inferiores da escala social tenham o sentimento da sua valia é subversivo e perigoso para a ordem estabelecida. Foi-no o mito da Rússia soviética para que os trabalhadores conservassem a sua dignidade; foi-no o mito da revolução, historicamente inelutável para que os miseráveis resistissem, contando com que a his-

---

20 Seligman, M., e Maier, S.F., «Failure to scape traumatic shock», *Journal of Experimental Psychology*, Vol. 74 (1) May 1967 pp. 1-9.

tória estava do seu lado, e foi-no o cristianismo nos seus inícios, dando aos pobres o sentimento de um valor interior que os elevava a um plano igual e até superior ao dos ricos; e isso foi suficiente para pôr a hierarquia social em perigo.<sup>21</sup>

Embora nas democracias formais é possível, em teoria, mudar o governo e a legislação mediante o exercício do voto, a *servidume voluntária* persiste. Se não, como explicar o contraditório comportamento dos cidadãos que apoiam formações políticas cujos projetos são claramente contrários aos seus interesses?

Quando na Galiza se implementou a lei de arrendamentos rústicos históricos de 1993 –que facilitava o acesso dos arrendatários à propriedade das explorações – segundo alguns sindicalistas que participaram naquela campanha, um argumento frequente, entre os caseiros que rejeitaram aquela vantajosa proposta, foi: «os nossos *amos* são muito bons». A sua atitude era a descrita por La Boétie. Fundamentavam a sua situação na longa duração da mesma; sempre viveram assim, igual que os seus antecessores. Podiam ter alegado a sua elevada idade, a carência de sucessores ou a descapitalização das explorações, circunstâncias que concorriam em todos esses casos, mas não o fizeram. Por que? Porque seguiam ancorados mentalmente nos tempos anteriores à redenção dos foros de 1926 e eram incapazes de imaginar-se *donos de seu*: O páxaro que nasceu engaiolado pensa que voar é uma loucura.<sup>22</sup>

A *servidume voluntária* apresenta-se agora sob a forma do *clientelismo*, consistente na troca de favores por apoio político.

---

21 Weil, S., *op. cit.*, p. 226.

22 O 31 de dezembro de 2015, os aproximadamente 800 arrendamentos rústicos históricos anteriores a 1942, que ainda existiam na Galiza, expiraram definitivamente.

[https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/galicia/2006/06/10/800-caseiros-pagan-arrendamientos-historicos/0003\\_4849316.htm](https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/galicia/2006/06/10/800-caseiros-pagan-arrendamientos-historicos/0003_4849316.htm).

<https://abogados-consultores.es/2016/03/09/finalizacion-de-los-arrendamientos-rusticos-historicos/>

co, geralmente eleitoral. Esta vinculação informal, baseada na confiança e na lealdade, estabelece-se entre pessoas de diferente *status* social entre as quais existe umha relação de dependência. Como os favores costumam estar relacionados com a disposição, pouco transparente, de fundos e cargos públicos, não é fácil dissociar o clientelismo, e portanto a *servidume voluntária*, da corrupção.

O sofisticado entramado institucional do Estado corporativo moderno tem pouco a ver com o séquito das antigas tiranias às que aludia La Boétie. Empresas, governos, parlamentos e judicaturas conectam-se através de portas e camas giratórias, ao abrigo de um poderoso aparelho mediático capaz de tornar o preto em branco, e vice-versa, com um estalar de dedos, e que faz quase inecessário o uso da violência. Por outro lado, as novas formas de comunicação e as redes sociais estão a modificar os cenários eleitorais de tal forma que até os partidos políticos poderiam ser substituídos por plataformas digitais.

Um exemplo da deriva que estão a tomar as democracias ocidentais é a sentença *Citizens United v. Federal Election Commission* (2010) da Corte Suprema de EE. UU., que eliminou as restrições à financiamento de campanhas políticas por parte das corporações e sindicatos porque violavam a liberdade de expressão consagrada na Primeira Emenda. Essa decisão permitiu que os *Comités de Ação Política* arrecadassem e gastassem dinheiro sem limite, beneficiando assim os interesses dos mais ricos. Um sistema onde importam mais os doadores que os votantes não é democrático. É umha *plutocracia* onde o poder emana do dinheiro e não do povo.

Segundo Sheldon Wolin,<sup>23</sup> os Estados Unidos são umha *democracia dirigida*, onde a existência de um sistema elei-

---

23 Wolin, S., *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, Princeton University Press, New Jersey, 2008.



toral nom garante a participação dos cidadãos na governança, e vai caminho de se tornar um *totalitarismo invertido*. Denomina-o assi porque, ao contrário dos totalitarismos do século XX, nom nasce de umha *democracia fracassada*, mas de umha suposta *democracia forte*; é a economía que domina absolutamente a política; nom busca o apoio popular mediante a mobilização de massas nem quer manter nengum tipo de serviço social. Esta deriva totalitária tem a sua origem nas contínuas intervenções militares estadunidenses desde 1945 que, ao mesmo tempo que promoviam a criação de um império global e normalizavam a guerra, aumentavam a dependência da economia do complexo militar-industrial.

Neste Estado, legitimado polas eleições que el monitoriza, legisla-se em prol dos interesses das corporações, que som as que financiam os partidos. Estes, no poder ou na oposição, buscam manter o *statu quo*. Os contrapoderes som umha entelêquia, igual que a independência de instituições, como a Reserva Federal ou o poder judicial, onde os membros do Tribunal Supremo som nomeados com carácter vitalício polo presidente. Só é justo o que a autoridade instituída –quer dizer, o mais forte – declara como tal. A justiça deixou de ser umha ideia moral, ou um valor democrático, para se converter numha simples afirmação fáctica. Mais ainda, a justiça sobra, quando, em aplicação da lógica de guerra à persecução do delito, se procede impunemente a execuções extrajudiciais.

Esta involução democrática é possível graças à despolitização e à apatia social dos cidadãos, reduzidos à condição de *espetadores-consumidores*. As suas aspirações batem com a crescente precarização do emprego numha economía globalizada, a rápida obsolescência das habilidades e a concorrência de umha mao de obra imigrante mal paga. A insegurança leva-os a reclamar protecção mais que participação democrática, e som terreo fértil para a servidume voluntária e a xenofobia.

As novas correntes do pensamento neo-reacionário, vinculadas ao mundo de Silicon Valley, embora ainda marginais, constituem o suporte ideológico da direita emergente, liderada por empresários tecnológicos dispostos a assumir diretamente a governança do Estado. Para estes pensadores, como Curtis Yarvin ou Nick Land,<sup>24</sup> enquanto o capitalismo fijo avançar a Humanidade, a democracia foi umha rémora para o progresso e conduz a umha sociedade de parásitos. O capitalismo deve ser curado da doença da democracia. As liberdades individuais podem manter-se, mas nom as políticas. Capitalismo e democracia som incompatíveis, e o Estado deve proceder como umha empresa que maximiza o lucro, sem estar submetido à irracionalidade popular nem à rendiçom de contas que exige o funcionamento democrático. No seu modelo nom hai política, só regras. Um governo eficiente legitima-se a si mesmo e nom precisa do consentimento dos governados.

A democracia era o grande argumento para demonstrar a superioridade moral do capitalismo ocidental. Hoje admite-se que os capitalismos totalitários som mais eficientes e culpa-se a democracia de ser um obstáculo para a acumulaçom de capital. Os seus referentes som o capitalismo chinês e o de Singapura.

Este processo involutivo iniciou-se na década dos setenta com a emersom do neoliberalismo e foi progredindo até o atual *tecnofeudalismo*. O final previsível é a desapareçom do Estado de Direito, ainda que se mantenha o sistema eleitoral como *casting* de figurantes.

No cenário geopolítico atual, lemas como *America first* significam *servidume voluntária* para o resto. A vontade imperial nom se mostrava com tam pouco pudor desde a Conferencia de Berlim de 1884-1885, onde se sentou o prin-

---

24 Stefanoni, P., «¿Libertad sin democracia? Distopías neorreaccionarias que recorren el mundo», *Nueva Sociedad*, 315, Janeiro-Febrero, 2025.

cípio da *ocupação efetiva* para a reclamação de territórios; nem se figura tam patente que o Direito internacional é letra morta, e as suas instituições a urna funerária dos bons propósitos.

O projeto do *tecnofeudalismo* é a *zumbicracia*; um rebanho resignado, dócil, desmemoriado e inconsciente, submetido ao ditado dos seus algoritmos. Em essência, todo se resume em exploração económica, control político e manipulação cognitiva. A versom menos má da sua distopia seria a descrita por Aldous Huxley: «A ditadura perfeita terá a aparência da democracia, umha prisom sem muros na qual os prisioneiros nom sonharám sequer com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos amarám a sua servidume».

Hai quase quinhentos anos, La Boétie colouco-nos diante do espelho e indicou-nos a senda da esperança que iluminariam Thoreau, Tolstoi, Gandhi, Luther King ou Mandela: «poucos ou nengum dos que, vendo o seu país mal governado e em más maos, tendo decidido com intençom boa, íntegra e sincera, libertá-lo, nom o tenham conseguido». Porém, a *servidume voluntária* pervive.

A esperança pode frustrar-se porque se nom, deixaria de ser esperança –dizia Ernst Bloch; mas é ela que impulsa a Humanidade para a construção de um mundo melhor, para esse nom-lugar que dá sentido à aventura da existência humana, como escreveu Oscar Wilde: «Um mapa do mundo que nom inclua a Utopia nom merece umha olhada, porque omite o único país ao que a Humanidade está sempre arribando. E quando a Humanidade desembarca, olha para longe, e ao divisar um país melhor, volta a zarpar. O progresso é a realização das utopias».

Cláudio López Garrido

## ÍNDICE

Prefácio .....7

Discurso da servidume voluntária.....25